

FILOMENA DA ANUNCIAÇÃO BASÍLIO

ESTUDO DO AUTOCONCEITO DOS JOVENS DO ENSINO SECUNDÁRIO

INSTITUTO SUPERIOR DE CIÊNCIAS DA SAÚDE – NORTE

2012

ISCS-N Filomena Basílio	Estudo do autoconceito dos jovens do ensino secundário		2012
--	---	--	-------------

ESTUDO DO AUTOCONCEITO DOS JOVENS DO ENSINO SECUNDÁRIO

FILOMENA DA ANUNCIAÇÃO BASÍLIO

Dissertação apresentada no Departamento de Psicologia do Instituto Superior de Ciências da Saúde – Norte (ISCS-N), para a obtenção do grau de mestre em Psicologia Clínica e da Saúde.

Orientador: Doutora Florbela Teixeira

Porto, 2012

RESUMO

O autoconceito integra-se na estrutura da actividade reflexa do sujeito e varia de acordo com as novas situações experimentadas pelo indivíduo ou transições no curso normal de sua vida. Deste modo, reflecte a percepção que cada indivíduo tem de si. Este estudo foi desenvolvido com o objectivo principal de avaliar o autoconceito dos jovens do ensino secundário do município de Benguela. É um estudo quantitativo do tipo descritivo que incidiu numa amostra de 200 jovens de distintas escolas do ensino secundário. Para o efeito utilizou-se a escala de Adriano Vaz Serra «inventário clínico de autoconceito». Os dados obtidos foram analisados e tratados no programa SPSS, versão 19. Verificou-se que 70.59% são do sexo feminino e 69.39% do sexo masculino, sendo que os jovens do sexo feminino evidenciaram valores de autoconceito mais elevados, com relação aos do sexo masculino. Na generalidade, o autoconceito dos jovens nesse estudo obteve um nível dentro dos padrões considerados normais, i.e., de 20-100 (Carapeta et al., 2001). Pudemos concluir que, apesar da variação do autoconceito em relação ao género, os jovens do ensino secundário do município de Benguela demonstraram ter um nível de autoconceito considerado satisfatório, o que pode contribuir fundamentalmente para a sua progressão académica como para o seu desempenho profissional.

Palavras-chave: Autoconceito, Ensino secundário, Jovens.

ABSTRACT

The self-concept is part of the structure of reflex activity of the subject and it varies according to the new situation experienced by the individual or by the transitions in the normal course of his life. In this way, it reflects the perception that each individual has of himself. This study was developed with the main objective of evaluating the self-concept of young people in secondary education in the city of Benguela. It is a descriptive quantitative study that focused on a sample of 200 young people from different secondary schools. For this purpose, we used the scale of Adriano Vaz Serra "clinical inventory of self-concept". The data were analyzed and processed using SPSS program, version 19. It was found that 70.59 % are female and 69.39% male, and the young women showed higher values of self-concept in relation to males. In general, the self-concept of young people in this study achieved a level in the normal standards, it means, 20-100 (Carapeta et al., 2001). We concluded that, despite the variation of the self-concept in relation to gender, the young people of secondary school in the city of Benguela demonstrated a satisfactory level of self-concept, which may contribute fundamentally to their academic progress and for their professional performance.

Key-words: Self-concept, Secondary Education, Youth.

AGRADECIMENTOS

Primeiro, agradeço a Deus Todo-Poderoso pelo dom da vida.

Agradeço os meus filhos, familiares, amigos e todos quanto directa ou indirectamente contribuíram para esse trabalho.

À minha tutora Doutora Florbela Teixeira pelo apoio material, moral e intelectual.

Aos meus professores do mestrado, à CESPUP Formação em Angola, em particular a Dra. Márcia e os funcionários da Direcção por me terem dado a oportunidade dessa formação.

Agradeço aos meus colegas de trabalho e do mestrado, refiro-me a Dra. Câmia Gonçalves, Dra. Maria Olímpia e em especial o Dr. Emanuel Maweth que sempre se mostrou disponível não poupando esforços para que este projecto fosse concretizado.

LISTA DE ABREVIATURAS, SIGLAS E SÍMBOLOS

Ac – Autoconceito

ES – Ensino secundário

ICAC – inventário clínico de autoconceito

ISCS-N – Instituto Superior de Ciências da Saúde – Norte

I.e. – Isto é

M – Média

N – Frequência

S/D – Sem data

SPSS – Statistical Package for the Social Sciences

% – Percentagem

ÍNDICE GERAL

RESUMO.....	2
ABSTRACT.....	3
AGRADECIMENTOS.....	4
LISTA DE ABREVIATURAS, SIGLAS E SÍMBOLOS.....	5
ÍNDICE DE ANEXOS.....	7
ÍNDECE DE TABELAS.....	8
CAPÍTULO I – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	9
INTRODUÇÃO.....	9
1.1.Resenha histórica do aparecimento do auto-conceito.....	11
1.2.Definição de auto-conceito.....	13
1.3.Teorias fenomenológicas sobre o auto-conceito.....	15
1.4. Teoria humanista de Rogers.....	16
1.5.O auto-conceito, a idade e o sexo.....	19
1.6.Relação entre auto-conceito e a auto-estima	21
1.7.Auto-conceito e auto realização.....	22
1.8.Auto-conceito e a aspiração.....	22
1.9.Formação do auto-conceito.....	23
1.10.Dimensões do auto-conceito.....	24
1.11.Auto-conceito e o comportamento.....	25
1.12.O jovem e o auto-conceito.....	26
CAPÍTULO II – MÉTODO.....	31
2.1. Objectivos e hipóteses.....	31
2.2. Desenho e método.....	32
2.3. Participantes.....	32
2.4. Materiais ou instrumentos de recolha de dados.....	32
2.5. Procedimentos.....	32

CAPÍTULO III – RESULTADOS.....	34
3.1. Caracterização sócio-demográfica da amostra.....	34
3.2. Distribuição dos dados obtidos em função do test t.....	37
CAPÍTULO IV – DISCUSSÃO.....	41
CAPÍTULO V – CONCLUSÃO E CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	43
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	44
ANEXOS	

ÍNDICE DE ANEXOS

ANEXO 1. Pedido de autorização para a realização da investigação.....	45
ANEXO 2. Termo de consentimento.....	46
ANEXO 3. Questionário sócio-demográfica.....	47
ANEXO 4. Inventário Clínico de Auto-Conceito de Vaz Serra.....	48

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1. Dados sócio-demográficos.....	34
Tabela 2. Média do autoconceito em função do sexo.....	37
Tabela 3. Comparação de médias do autoconceito.....	39

CAPÍTULO I – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

INTRODUÇÃO

Cada ser humano constitui uma individualidade única e diferente das demais. Apesar dessa diferença, no seu relacionamento com os outros, o homem mantém ou estabelece uma partilha de ideias, sugestões e opiniões chegando a um acordo. A convivência surge através do relacionamento e acordo entre personalidades diferentes. O acordo tido é o resultado da auto-aceitação de cada indivíduo que, a partir do seu auto-conceito, faz a sua avaliação, a sua análise e chega a uma conclusão.

A investigação deste trabalho incide sobre o estudo do auto-conceito (AC) em Jovens do ensino secundário, validação do Inventário Clínico de Auto-conceito de Vaz Serra, com idades compreendidas entre os 18-24 anos.

A falta de estudos acerca do AC em jovens do ensino secundário em Angola constituiu uma das razões essenciais para o presente estudo, daí ser importante abordar essa problemática no país, em particular em Benguela, uma vez que deste estudo podem emergir indicadores que possam ajudar a promover o AC nessa faixa etária assegurando o sucesso académico e profissional dos jovens. Tal como o consideram Faria e Fontaine (1990,1992), o AC, como construto de grande dimensão que abarca atitudes e sentimentos sobre as aptidões ou competências, aparência e aceitabilidade social dos indivíduos, representa um elemento central da personalidade e age como um organizador da acção a qual pode ser facilitada ou inibida positiva ou negativamente.

Albuquerque e Oliveira (2002, p.1), de acordo com Burns, descrevem que “o auto conceito é composto por imagens acerca do que nós próprios pensamos que somos, o que pensamos que conseguimos realizar e o que pensamos que os outros pensam de nós e também de como gostaríamos de ser.”

Na área académica o AC reveste-se de grande importância porque está relacionado com o poder de previsão dos alunos sobre o seu rendimento escolar, da sua adaptação social e do bem estar psicológico geral. “... definindo-se como o conjunto

de percepções que o indivíduo faz acerca de si mesmo e das suas reais capacidades e competências pessoais em diferentes domínios, com particular relevo para os domínios escolares, social, físico e emocional” (Faria & Azevedo, 2004, p.266).

Este estudo está constituído essencialmente por duas partes: a primeira consiste no enquadramento ou fundamentação teórica, onde são abordados determinados elementos à volta da problemática do AC que dão sustentabilidade científica ao trabalho. Na segunda parte, referente à metodologia, faz-se referência aos objectivos e hipóteses de trabalho, métodos e procedimentos usados, processos de tratamento, análise, apresentação e discussão dos resultados. Finalmente, seguem as conclusões, considerações finais, referências bibliográficas e anexos.

Os desafios que se colocam ao jovem estudante e as exigências de sucesso académico, social e pessoal reflectem-se na necessidade de os jovens terem um AC mais elaborado que lhes permita a consolidação da sua identidade, exploração e preparação para o investimento num projecto profissional. Daí que, o presente estudo pretende avaliar o nível de autoconceito nos jovens do ensino secundário em Benguela.

ENQUADRAMENTO TEÓRICO

1.1. Resenha histórica do aparecimento do auto-conceito

O interesse dos filósofos e psicólogos pelo autoconceito remonta há mais de 2000 anos. Para situar o auto conceito no contexto do seu aparecimento, salientaremos alguns dos autores que primeiro se preocuparam com o estudo de dimensões fundamentais do Eu ou *self*. Geralmente, reconhece-se William James como o primeiro psicólogo que desenvolveu uma teoria do autoconceito, quando este publicou a obra "*Principles of Psychology*" com o capítulo "*The Consciousness of Self*", em 1890. Há mais de um século, William James sublinhou a importância deste constructo como sendo fundamental para o comportamento. Uma das principais contribuições de William James para o estudo do *Self* foi a distinção entre dois aspectos fundamentais: o "I" e o "Me", o *self* como sujeito e o *self* como objecto. Para James. O "I" é o conhecedor. O agente activo responsável pela construção do "Me"; enquanto que o "Me" é o conhecido, o conjunto de coisas objectivamente conhecidas sobre si mesmo (Rocha, 2007).

O "Me" foi definido por James (1932/1890) como a soma de tudo o que a pessoa pode chamar de seu. O "Me" era visto como o *self* empírico que evoluiu no âmbito psicológico, para dar lugar ao autoconceito tal como agora o conhecemos (Rocha, 2007).

Segundo James (1932/1890), o *self* empírico, como objecto de conhecimento, poderia dividir-se em três componentes principais: o *self* material, o *self* social e o *self* espiritual. Em que o *self* material, representa o corpo e tudo o que o "I" pode chamar de seu. No *self* social temos as características do *self* reconhecidas pelos outros e dada a diversidade de opiniões dos outros. O *self* espiritual foi definido como um *self* interno composto pelos pensamentos, disposições, juízos morais, entre outros, os quais William James considera que são os aspectos mais duradouros do *self*

James não só define as dimensões do *self* como também lhe confere uma estrutura hierárquica. Na base da hierarquia encontra-se o *self* material. Num nível superior o *self* social e o nível mais alto é ocupado pelo *self* espiritual. Desta forma, James

preparou o terreno para os modelos teóricos posteriores em que o *self* é visto como multidimensional e hierárquico.

Cabe afirmar que a dinâmica que se estabelece entre os componentes do *self* não é harmoniosa. Até, pelo contrário, há rivalidade e conflito. O que originou o que James denominou de “conflito dos diferentes “Me’s” (Rocha, 2007).

Um outro conceito desenvolvido por William James foi o de auto-estima. Para James, o que é fundamental para o nível de auto-estima do indivíduo são as suas pretensões. E esta não pode reduzir-se simplesmente ao conjunto de êxitos percebidos na vida do indivíduo. Mas representa a relação entre os êxitos e as pretensões ou aspirações do indivíduo. Assim, se os êxitos forem iguais ou maiores do que as pretensões (ou aspirações) de cada um, a auto-estima será elevada. Pelo contrário, se as pretensões excederem os êxitos, isto é, se o indivíduo é incompetente em determinado âmbito para o qual tem aspirações elevadas, experimenta uma baixa auto-estima (Rocha, 2007).

O auto-conceito remonta desde a existência do Homem. Isto é, desde a existência da humanidade, o homem, sempre se preocupou em conhecer-se a si mesmo, e o mundo, que o rodeia. No entanto os primeiros autores que se debruçaram sobre o estudo do auto-conceito foram: James em 1890 e Mead em 1934.

O autoconceito numa perspectiva sociocultural foi apresentada mais tarde por Baldwin (1992/1897), que postula que a construção do *self* é um processo social e dialéctico entre o *self* e os outros indivíduos em que o sentido evolui a partir da imitação dos outros. “... *the self that learns, that imitates that accommodates to new suggestions from persons (...) it is part yet ‘projective’, unfinished, constantly being modified by the influences outside...*” (p.225).

A obra de William James, em conjunto com os estudos de Baldwin, influenciou de alguma forma o interaccionismo simbólico, mais concretamente quando se introduziu a dimensão social do autoconceito. Um aspecto valorizado no pensamento dos interaccionistas simbólicos é o da importância da avaliação dos outros para conosco. Isto porque esta escola de pensadores postula a interacção entre o homem e a sociedade, pelo que não é possível a análise dos indivíduos sem se ter em conta a componente social e os outros.

Dos interaccionistas simbólicos destacam-se os estudiosos Charles H. Cooley (1902) e George Herber Mead (1992/1934), que consideraram que o *self* é primordialmente uma construção social.

Cooley (1902) é conhecido por ter introduzido a noção de “*Looking Glass self*”. Segundo o autor, a percepção que cada um tem de si mesmo está determinada pela percepção das reacções que os outros têm em relação a ele próprio. Em que os outros significativos constituem o espelho social no qual o indivíduo se vê, de modo a detectar quais as posições que têm perante ele. A percepção destas opiniões é a principal fonte de informação do autoconceito.

Do ponto de vista histórico, a investigação no domínio do auto conceito foi na maioria das vezes, levada a efeito por filósofos, teólogos ou outros profissionais não directamente ligados à psicologia, sendo apenas por volta dos anos quarenta que aquele conceito começa a suscitar algum interesse para o estudo científico nos domínios da psicologia e da sociologia (Sherif, 1972).

1.2. Definição do auto-conceito

O auto-conceito ao longo dos tempos foi tendo muitas definições, consoante os diferentes autores que canalizaram o seu esforço no estudo do mesmo. Assim, de entre muitas, seleccionamos aquelas que vão de encontro com actualidade e espelham melhor o seu objecto de estudo.

Ramy de acordo com Veiga (1997), afirma que o autoconceito «é aquilo que uma pessoa pensa de si mesma e vem a ser como que um mapa que cada um consulta para se compreender a si próprio, sobretudo nos momentos de crise e decisão» (p.69).

Essa auto-imagem refere-se às nossas qualidades, direitos, deveres e aspirações.

Paulo (2001), afirma que “o autoconceito refere-se às auto-percepções (ideias, imagens e crenças) acerca de si próprio, ou seja, a forma como nos vemos a nós próprios” (p.95).

Strantton e Hayes (2003), definem o autoconceito como sendo a soma total dos modos como o indivíduo se vê a si mesmo.

James segundo Fachada (2005) considerava que o *self* (o sujeito) pode ser dividido em duas partes: o Eu e o Me. O Eu é o sujeito, enquanto sujeito (do conhecimento) e o Me é o sujeito enquanto objecto (objecto do conhecimento). É a partir desta dicotomia que o sujeito se analisa e percebe o que se passa consigo, assim como a interação que estabelece com os outros membros da sociedade.

Em termos de conhecimento, diz-se que o Eu se interessa por si próprio, analisa-se e observa-se, tem a capacidade de olhar para si próprio. O sujeito Eu, apercebe-se do que se passa consigo. O Me, é o objecto do olhar do Eu, e o Eu é a parte do sujeito que olha e analisa o Me (Fachada, 2005).

James (1890) citado por Fachada, propõe também uma hierarquia nos diferentes “si mesmos” colocando o “si mesmo espiritual” no nível mais elevado e “o si mesmo material” na base inferior. Podemos reconhecer, já, um carácter multidimensional na estrutura do auto conceito referida pelo autor.

O autoconceito define-se como o conjunto de percepções que o indivíduo tem acerca de si próprio e das suas capacidades e competências pessoais em vários domínios da existência, bem como o grau de maior ou menor aceitação de si mesmo. Tais domínios incluem não apenas o escolar mas também o social, o físico e o emocional (Faria & Fontaine, 1990, 1992).

Hidalgo e Palácios (1995) afirmam que o autoconceito diz respeito ao conhecimento de si mesmo, às características ou atributos que utilizamos para nos descrevermo.

Para alguns autores (Faria & Fontaine, 1990; Marsh, 1990; Marsh & Hattie, 1996; Marsh, Shavelson, Byrne & Shavelson, 1986), em termos gerais, o autoconceito é definido como sendo, a percepção que o sujeito tem de si próprio e, em termos específicos, o conjunto de atitudes e conhecimento acerca das capacidades, competências, aparência e aceitabilidade social do indivíduo.

1.3. Teorias fenomenológicas sobre o auto-conceito

Os psicólogos fenomenológicos concentram-se em entender «o si mesmo» *self* e sua vantagem singular é a direcção para a vida. O *self* é definido geralmente como um conceito interno (imagem, modelo ou teoria) que evolui á medida que as pessoas interagem umas com as outras. O auto conceito influencia a maneira pela qual as pessoas agem a sua maneira de ser e estar, as acções, por sua vez, mudam o auto-conceito.

Os psicólogos fenomenologistas assumem uma visão holística, na medida em que supõem que as pessoas são organismos integrados que não podem ser entendidos, estudando-se partes componentes, mas sim como um todo e «acrescentando-se» os achados. Deve-se examinar uma pessoa que pensa, age, sente e imagina da maneira pela qual ela vive quotidianamente. Como Freud e outros teóricos psicodinâmicos, os fenomenologistas frequentemente dependem de observações clínicas. Eles estão especialmente interessados no que as pessoas dizem sobre como se sentem, pensam, agem e percebem (Davidoff, 2001).

Rogers (1976,1979) citado por Davidoff (2001) definiu o *self* ou «auto-conceito» como um padrão organizado, consistente, isto é estável de características percebidas do «eu» ou do «mim».

Rogers de acordo com Davidoff (2001) declara que sujeitos bem ajustados, ou funcionando plenamente possuem auto-conceitos realistas. Estão conscientes do próprio mundo e abertos a todas as experiências. Ao fazerem selecções podem considerar tudo o que surgir. Consideram-se positivamente por se sentirem livres. Movem-se e vivem inteiramente todo e qualquer momento. Estão mudando constantemente ou crescendo usando cada vez mais as suas potencialidades.

Embora Rogers citado por Davidoff (2001) supusesse que a hereditariedade e o ambiente modelam a personalidade, ele focaliza os limites auto-impostos que geralmente podem ser ampliados. Para promover o crescimento, outras pessoas importantes precisam aceitar todos os aspectos de um indivíduo e considerar positivamente a pessoa. Em tais condições, os seres humanos começam a aceitar-se, abrindo-se para mais experiências e movendo-se em direcção à auto-realização (Davidoff, 2001).

1.4. Teoria humanista de Rogers

De acordo com Braghirolli et al. (1990), o elemento principal da teoria de Rogers consiste no “eu” (*self*). A essência do “eu” foi compreendida por Rogers por meio da sua experiência pessoal com clientes em psicoterapia. Os problemas dos clientes parecem suceder com certa frequência de incompatibilidade ou incongruências no modo sobre o qual são vistos.

O «eu» na teoria de Rogers citado por Braghirolli et al. (1990) consiste num modelo organizado de percepções, sentimentos, atitudes e valores que o sujeito concebe ser exclusivamente seu. É o conjunto de características que definem o «eu» e o «mim». Assim, o «eu» passa a ser a componente central da experiência global do sujeito (Peck & Whitlow, 1976).

O conceito de «eu» refere-se, então, de maneira geral, à auto-imagem ou a uma conscientização de si mesmo. O conceito de «eu ideal» é importante, também, na teoria Rogeriana. Significa a pessoa tal como ela gostaria de ser. Os indivíduos bem ajustados seriam aqueles que possuem uma correspondência muito estreita entre o «eu» e o «eu ideal».

O motivo básico da actividade do organismo é a realização, manutenção e o enriquecimento do «eu».

Rogers acredita que os seres humanos têm uma tendência natural para desenvolver todas as suas capacidades. É o que chama de tendência para a realização, o esforço no sentido da congruência entre o «eu» e a experiência. Quando existe harmonia e consistência entre o «eu» e as experiências do indivíduo, este mantém-se «congruente». Quando, no entanto, se verifica uma discrepância entre o «eu» e a experiência concreta, o indivíduo fica em estado de «incongruência», o qual redundará em tensão e desajuste.

O que cada um crê pessoalmente de si próprio, o que sabe de si próprio, o modo como sente, capta e compreende a sua posição entre os demais dependendo da imagem que tem de si mesmo, consiste no autoconceito.

Segundo Dias e Fontaine (2001), o auto-conceito tem múltiplos enfoques, porque não se pode pensar que exista uma única imagem de si próprio, havendo sim uma

multiplicidade delas, ou seja, além das ideias que os sujeitos têm sobre si mesmos, há também as ideias sobre o que foram, o que desejariam ser, deveriam ser, lutam por ser, têm medo de ser.

Podem-se considerar estas ideias como imagens possíveis de si próprio. É neste sentido que se pode dizer que o auto-conceito compreende potenciais desejos, valores, objectivos, receios, ou seja, um conjunto de imagens possíveis que poderão variar conforme o contexto específico, quer seja familiar, académico e do nível socioeconómico, em que o indivíduo se encontra. Sendo na sua globalidade, tanto um regulador do comportamento presente, como um conjunto de referenciais que permitem dar significado ao comportamento passado e motivar o comportamento futuro, relacionando esta visão de si próprio, com um conjunto de imagens possíveis ou potenciais (Dias & Fontaine, 2001).

Segundo Burns (1986), o auto conceito é composto por imagens acerca do que nós próprios pensamos que somos, o que pensamos que conseguimos realizar e o que pensamos que os outros pensam de nós e também de como gostaríamos de ser.

Para este autor, o auto conceito consiste, de todas as maneiras, em como uma pessoa pensa que é nos seus julgamentos, nas avaliações e tendências de comportamento. Isto leva a que o autoconceito seja analisado como um conjunto de várias atitudes do eu e únicas de cada pessoa.

Segundo Markus e Hurf (1987), o autoconceito compreende as tarefas e problemas em que o indivíduo investe e com os quais tem que lidar num dado momento da sua vida e as respectivas prioridades, na medida em que essas tarefas e problemas estão indissociavelmente articulados com o conceito de si próprio num dado período particular da vida do indivíduo.

Encaramos as tarefas da vida como elementos imprescindíveis do autoconceito, na medida em que elas são as representações que incorporam a motivação e medeiam a acção.

Assim, os jovens do ensino secundário podem estar envolvidos nas tarefas de obter boas classificações nos estudos, definirem a sua carreira profissional, fazerem novas amizades tornarem-se independentes da família, estabelecerem uma relação

amorosa. Mas diferem significativamente, não só no que diz respeito ao grau de prioridade que atribuem a estas tarefas, como ainda relativamente ao grau de competência que estimam ter nesses diferentes domínios o que, como consequência, os levará também a terem diferentes atitudes e comportamentos.

Há um razoável consenso entre investigadores relativamente à concepção do autoconceito como uma estrutura multidimensional, quer o teorizem em termos de hierarquias, redes, espaços, esquemas, protótipos, etc. Contudo, é necessário distinguir nestas dimensões do autoconceito aquelas que são acessíveis “autoconceito acessível”. Para estes autores as “representações de si próprio”, que são susceptíveis de uma reflexão consciente são designadas por “concepções de si próprio” e, dentro destas, a que for num dado momento consciente, é o autoconceito activo.

O indivíduo pode assim funcionar, consoante as circunstâncias, a vários níveis de elaboração do *self*, isto é, nem sempre funciona no seu nível mais elevado. Como o comportamento do indivíduo tem restrições de diversa ordem, a influência do autoconceito pode não se revelar directamente no comportamento da pessoa. O seu impacto manifesta-se mais subtilmente, por exemplo, em mudanças de humor e em alterações da auto-estima.

Em conclusão, o autoconceito pode ser considerado como um fenómeno multifacetado, ou seja, um conjunto de imagens, projectos, esquemas, teorias, etc. Em cada momento, para um dado indivíduo, as várias facetas do auto-conceito não estão globalmente conscientes, não têm todas a mesma importância, nem o mesmo grau de elaboração cognitiva, nem a mesma influência sobre o comportamento.

1.5. O auto-conceito, a idade e o sexo

Como se acaba de analisar, os conceitos acima expostos sobre o autoconceito permitem dizer que o mesmo se refere à percepção que cada indivíduo tem sobre si mesmo num determinado tempo. Assim sendo, parece que o autoconceito pode variar em função da idade e do sexo. Nesta perspectiva, faz-se a seguir uma descrição do mesmo considerando a sua relação com a idade e sexo.

Em função da idade: A evolução do autoconceito com a idade pode-se representar, segundo Marsh (1989), por uma curva tipo U, evidenciando um declínio no início da adolescência, que se reveste no meio deste período, aumenta no seu final e início da idade adulta. Esta diminuição dos níveis de autoconceito com o avanço da idade foi encontrada em estudos realizados noutros contextos culturais e nos que aconteceram em Portugal (Fontaine, 1991; Peixoto & Mata, 1993; Veiga, 1990), facto este que pode ser explicado pela crescente noção de realismo que os indivíduos adquirem ao longo do tempo, contrapondo-se à auto-avaliação positiva e irrealista característica dos mais novos.

Durante a adolescência, o autoconceito torna-se diferenciado, multifacetado e estruturado (Faria & Fontaine, 1990), e os indivíduos abandonam as categorias globais e indiferenciadas para se descreverem e avaliarem, adoptando as específicas, e diferenciadas, sendo mais capazes de integrar no conceito de si mesmo o *feedback* avaliativo dos outros, aumentando com a idade, a relação entre autoconceito e realizações pessoais como as académicas (Faria, 2003).

Alguns autores, salientam que as experiências escolares, nomeadamente as de fracasso, podem agravar o quadro de declínio do autoconceito durante a adolescência, contribuindo para sua diminuição (Veiga, 1990). Ou seja, as retenções, teriam um efeito de erosão no conceito de competência pessoal.

Em função do sexo: Em vários estudos são observadas diferenças que confirmam a superioridade do sexo masculino no autoconceito académico para a matemática e, por vezes, no autoconceito global, enquanto o feminino apresenta maior autoconceito verbal, nos assuntos académicos gerais e na dimensão social Fontaine (1991).

Os autores ligados ao estudo do desenvolvimento do autoconceito, segundo Franco (2007), acrescentam ainda que o autoconceito é passível de desenvolvimento, modifica-se com a idade, depende do sexo dos indivíduos e é influenciado pelos estereótipos sexuais.

Assim, podemos afirmar que o auto-conceito não é igual para todas as idades. O modo como a pessoa se descreve a si próprio evolui com a idade. A descrição que uma pessoa de 6 anos faz de si é diferente da descrição de uma criança de 10 anos.

Por um lado, a realidade interna do sujeito muda e, como sua consequência, muda também a descrição que faz de si. No fundo, o próprio sujeito é diferente nos distintos momentos do seu crescimento e desenvolvimento.

Por outro lado, a capacidade que o sujeito tem para se auto-analisar e descrever muda. Podemos dizer que quer o Me quer o Eu evoluem com o crescimento do sujeito no tempo. Por isso, as descrições do «*self*» podem corresponder à mudança e evoluções no Eu e no Me.

O autoconceito tem a ver com a questão formulada pelo sujeito: «Quem sou eu?». Responder a esta questão é avaliar as suas consequências nos mais variados domínios: espiritual, social, material, corporal, escolar, familiar, laboral, etc. (Fachada, 2005).

Cada pessoa reconhece-se como mais ou menos competente num determinado domínio no desenvolvimento do Eu, julgando-se mais ou menos competente. É este juízo que o indivíduo faz de si, que se liga a determinado sentimento de vergonha ou de orgulho que poderão ser facilitadores ou inibidores de comportamento e desempenho social, e académico (Fachada, 2005).

O modo como o indivíduo se descreve a si próprio e se considera mais ou menos competente tem a ver com a apreciação que os outros nos fazem.

O ser humano, depende dos outros, nas suas múltiplas variáveis. O que os outros pensam acerca de si e o modo como o apreciam, é fundamental para o seu auto-conceito.

Assim, Fachada (2005) refere que a forma pela qual o indivíduo faz a sua descrição e pensamento de si mesmo é, de algum modo, conseguido apoiando-se no modo como os outros o encaram e pensam sobre si. O conceito que o jovem desenvolve sobre si mesmo, adquire-se na sua interacção com os outros, quer seja por meio da avaliação, aprovação e reforço de pessoas que lhe sejam significativas, quer da relevância ou sucesso que o jovem confere ao seu próprio comportamento.

1.6. Relação entre autoconceito e a auto-estima

Franco (2007) de acordo com Harter e Serra, assinala que do ponto de vista clínico a auto-estima é um dos elementos principais do autoconceito que se encontra relacionada aos aspectos emocionais e afectivos assim como aos fenómenos de descompensação.

Para Moreira (2001), a auto-estima consiste, assim, numa dimensão avaliativa do autoconceito que assenta na aceitação, avaliação e comparação da eficácia pessoal; existe uma relação entre o auto conceito e a auto-estima. O autoconceito do indivíduo é o resultado da interacção significativa entre a auto-imagem e a auto-estima. A auto-estima é construída socialmente pois a criança também se vê a si própria pelos olhos dos outros. A auto-estima desenvolve-se numa matriz relacional eu/outro, com início na relação da criança com a figura de vinculação, alargando-se a outras figuras à medida que o seu mundo cognitivo-emocional se expande.

Aprendemos a ter uma imagem de nós próprios, baseada na imagem que outros elementos significativos projectam de nós; e, na auto-observação e auto-avaliação do desempenho. No processo de construção da auto-estima, a sensação de segurança, confiança, sentimento de amor e suporte social assumem-se como elementos fundamentais (Moreira, 2001).

Promover a auto-estima, à semelhança do auto-conceito, passa por promover também:

1. as relações sociais da criança e do jovem.
2. o nível de competência;
3. a frequência e a qualidade das experiências de sucesso, assim como o valor atribuído ao sucesso;
4. a auto- aceitação, o auto-respeito e a confiança (Moreira, 2001).

1.7. Auto-conceito e auto realização

A maior força motivadora da personalidade é o impulso para a realização do *self* (Rogers, 1961). Embora essa ânsia pela auto-realização seja inata, pode ser incentivada ou reprimida por experiências da infância e por aprendizagem.

Schultz e Sydney (2005) de acordo com Rogers (1961) realçam a importância da interação entre mãe e filho por ela afectar o sentido do *self* em evolução da criança. Se a mãe satisfaz a necessidade de amor do bebé, que Rogers chamou de atenção positiva, ele provavelmente terá uma personalidade saudável.

Se a mãe condiciona o amor pelo filho a um comportamento adequado (atenção positiva condicional) ele internalizará essa sua atitude e desenvolverá condições de valor. Nesse caso, a criança se sentirá valorizada somente sob determinadas condições e tentará evitar comportamentos considerados negativos. Naturalmente, a noção de si mesma não se desenvolverá plenamente. A criança não será capaz de revelar todos os aspectos de si própria, porque aprendeu que alguns desses comportamentos produzem rejeição (Schultz & Sydney, 2005).

Desse modo, o principal requisito para o desenvolvimento da saúde psicológica é a atenção positiva incondicional na infância. O ideal seria que a mãe demonstrasse o amor e a aceitação à criança, independentemente do seu comportamento. A criança que recebe atenção excessiva não desenvolve condições de valorização e assim não terá de reprimir nenhuma parte emergente de si. Somente dessa maneira a pessoa eventualmente é capaz de obter a auto-realização. A auto-realização consiste no mais elevado nível da saúde psicológica (Schultz & Sydney, 2005).

1.8. Auto-conceito e a aspiração

Existe uma estreita relação entre o auto-conceito e a aspiração.

A experiência de êxito e de fracasso desempenha uma grande influência nas atitudes face a si mesmo e sobre a determinação dos alvos futuros e da avaliação que o sujeito faz de si próprio e das suas reais capacidades. O sucesso,

usualmente, induz a elevar o nível de aspiração; o insucesso, tende a baixá-lo. Quanto maior for o sucesso, maior será a possibilidade de elevar o nível de aspiração e vice-versa (Veiga, 1997).

Quando existe uma área de fracasso o indivíduo tende a desvalorizar essa área de modo a preservar a imagem que tem de si e do seu autoconceito (Franco, 2007).

As modificações no nível de aspiração estão, em parte, em função das mudanças na própria capacidade de atingir a meta traçada. Quanto mais elevada for a meta que a pessoa se propõe numa determinada tarefa, maior é a atracção do êxito e menor o medo do fracasso. Não atingir uma meta elevadíssima não gera aquele sentimento de desencorajamento, desilusão e frustração característico de quem falha uma tarefa fácil (Veiga, 1997).

Mas convém recordar que há limites além e aquém dos quais as experiências do sucesso e insucesso não podem ser vividas sem grave risco, sobretudo se frequentes e demasiado fortes (Veiga, 1997).

1.9. Formação do auto-conceito

A formação do autoconceito é um processo lento e é fruto de uma aprendizagem. Depende das reacções dos pais e outras pessoas ao comportamento da criança, da confiança que nela depositarem e do seu aspecto físico: cor, desenvolvimento, deformações, beleza...Depende do seu nível social (pobreza, riqueza, cultura...), das experiências de êxito e fracasso, das relações com os seus professores, do que pensam dela as outras pessoas (Veiga, 1997).

Segundo Veiga (1997) pelo facto de nos identificarmos com o nosso auto-conceito, resistimos instintivamente a qualquer mudança e a qualquer elemento que venha tocar no mais íntimo de nós próprios. Só numa atmosfera permissiva em que a pessoa estiver certa da inexistência do perigo e da não necessidade de se colocar à defesa, pode reconsiderar as situações, organizá-las e interpretá-las à luz de um novo sistema de valores, corrigindo ou readaptando, sem sobressaltos a sua auto-imagem. Só nesse clima reconhecerá como inconsistentes certas falsas ideias que

tiver de si própria; e só assim as aceitará como tais, sem necessidade de se auto-defender.

2.10. Dimensões do auto-conceito

O autoconceito tem várias dimensões. É formado por várias componentes: físico, social, comportamental, académico, desportivo, que se influenciam reciprocamente. Por exemplo, um autoconceito académico baixo pode influenciar negativamente o autoconceito global e vice-versa (Moreira, 2001).

Tendo em conta que o presente estudo se prende com a avaliação do autoconceito no ensino secundário, parece essencial fazer uma abordagem mais aprofundada com relação ao autoconceito académico.

Assim sendo, de acordo com Moreira (2001), pode-se descrever o seguinte:

O *autoconceito académico* refere-se à auto-percepção de competência na área escolar em geral e divide-se em subáreas (por exemplo, Matemática, Português, Ciências, etc.). A auto-percepção na competência em Português, por exemplo, origina auto-percepção na competência académica global, a qual, por sua vez, tem impacto na percepção do autoconceito global.

Com a idade, o autoconceito académico tende a diferenciar-se, reflectindo aspectos de auto percepção, quer auto-descritivos (por exemplo, eu gosto de português) quer auto-avaliativo (por exemplo, sou bom aluno a português). A avaliação depende, entre outras coisas, dos objectivos que o aluno/adultos estabelecem e da comparação com os pares.

A relação do auto-conceito académico com o auto-conceito global é bastante forte, o que se deve, por um lado, à relevância que os pais/adultos/sociedade colocam na aquisição de conhecimentos académicos e, por outro, à competitividade que é impulsionada desde cedo nas crianças.

As crianças que não alcançam determinado desempenho ou rendimento, podem manifestar um autoconceito negativo, para o qual muito concorre o empenho em certas áreas, como por exemplo a Língua Portuguesa, a Matemática e o Estudo do Meio, a desvalorização de importantes áreas de competência (por exemplo,

desporto, desenho, música) e um maior foco nos resultados do que no processo/esforço (Moreira, 2001). Importa enfatizar que o auto conceito académico aparece com maior realce por ser o nosso objecto de investigação.

Neste contexto, o autoconceito académico é importante considerando que se encontra estritamente relacionado com a capacidade preditiva do rendimento escolar, da adaptação social e do bem-estar psicológico global dos alunos.

Entretanto, segundo Faria e Fontaine (1990, 1992), o autoconceito pode ser definido como o conjunto de percepções do indivíduo acerca de si mesmo e das suas capacidades e competências pessoais em diferentes domínios, com particular relevo para os domínios escolares, social, físico e emocional.

1.11. Autoconceito e o Comportamento

O autoconceito é muito importante para o nosso comportamento. E, é neste sentido, que se pode dizer que o autoconceito compreende potenciais desejos, valores, objectivos, receios. Ou seja, um conjunto de imagens possíveis que poderão variar conforme o contexto específico em que o indivíduo se encontra, sendo na sua globalidade, tanto um regulador do comportamento presente, como um conjunto de referenciais que permitem dar significado ao comportamento passado e motivar o comportamento futuro (Dias & Fontaine, 2001).

O autoconceito tem um papel extremamente importante na medida em que tenta explicar o comportamento, ou seja, porque consegue manter uma certa consistência nesse mesmo comportamento, explicita a interpretação da experiência e fornece um certo grau de previsão (Burns, 1986). Epstein (1973) afirma mesmo que “para os fenomenologistas, o auto conceito é o construto central da psicologia, proporcionando a única perspectiva através da qual o comportamento humano pode ser compreendido” (p. 404).

Dias e Fontaine (2001) de acordo com Noam (1988) afirmam que o indivíduo pode funcionar, consoante as circunstâncias, a vários níveis de elaboração do *self*, isto é, nem sempre funciona no seu nível mais elevado. Como o comportamento do indivíduo tem restrições de diversa ordem, a influência do auto conceito pode não se

revelar directamente no comportamento da pessoa. O seu impacto manifesta-se mais, subtilmente, por exemplo, em mudanças de humor e em alterações de auto-estima.

Tendo em conta todos estes aspectos do auto-conceito, facilmente podemos compreender o nosso ego-envolvimento em tudo o que se relaciona com ele e as razões da sua consistência. Por isso, na perspectiva da dinâmica da personalidade, a ideia que fazemos de nós próprios apresenta uma dupla acção no nosso comportamento:

a) O nosso comportamento está, em geral, na linha do nosso autoconceito.

Anderson, de acordo com Veiga (1997, p.70) diz que «o padrão de vida de todos os indivíduos é a realização da sua auto-imagem, já que a pessoa se comporta de acordo com os seus padrões pessoais. Essa consistência não é voluntária ou intencional, mas compulsiva; e geralmente, não chega à consciência».

b) O autoconceito exerce uma acção selectiva na percepção das coisas e na organização das mesmas.

Numa tentativa de evitar conflitos e ser coerente consigo mesma a pessoa vê e ouve apenas aquilo que deseja ver e ouvir, interpretar tudo à luz do seu autoconceito, podendo levá-la a grandes deformações da realidade (Veiga, 1997).

1.12. O jovem e o autoconceito

A juventude corresponde a um período intermédio diferente da adolescência e da idade adulta. O jovem torna-se adulto numa sociedade em mutação e em função de múltiplos factores ou situações que podem concorrer para essa mesma transição. Nessa perspectiva, sociologicamente, Camarano, Mello, Pasinato e Kanso (2004) definem o conceito de juventude como sendo a categoria que se encontra em fase de transição entre o final da infância e o começo da vida adulta, ou seja, numa etapa compreendida entre a idade escolar, o começo da actividade laboral e a constituição de família.

De acordo com Griffa e Moreno (2001, p.75), a juventude pode ser definida como “uma segunda adolescência, adolescência superior ou período de amadurecimento adolescente (...) é uma etapa artificial de transição até o indivíduo chegar à autonomia e à responsabilidade plena”. Segundo estes autores, esta fase da vida caracteriza-se pela maturação das estruturas intelectuais e morais, verificando-se uma diminuição nas modificações fisiológicas (em termos de crescimento por exemplo), os afectos e sentimentos encontram-se estáveis, é um período que coincide com o ingresso no mercado de trabalho e ou nas instituições de ensino superior, bem como no começo da vida conjugal. É nesta fase que o jovem adulto pode já ser capaz da auto-sustentação social, psicológica e económica.

De modo consensual, para Tavares (2008, p.145), este período caracteriza-se por fortes tensões e contradições que “psicologicamente implicam tremendas pressões e exigências (internas e externas)” porque há uma grande expectativa em relação a um grande investimento do ponto de vista laboral, o cumprimento dos grandes objectivos da juventude, a constituição de família e a aquisição de um lugar estável e confortável na sociedade em que está inserido.

De acordo com Erickson, os jovens adultos vivenciam um problema ou conflito característico que consiste na busca de intimidade, que quando não conquistada pode contribuir para que o indivíduo se feche em si mesmo e se isole (Abrunhosa & Leitão, 1998; Griffa & Moreno, 2001). Daí ser importante conhecer as características desta fase para que se possa compreender e ajudar os jovens que neste importante período de vida a construírem um autoconceito positivo ou elevado.

Ajudar o jovem a construir um autoconceito positivo passa em primeiro lugar, por ajudá-lo a adquirir competências e capacidades, que aumentem as experiências de sucesso. São estas experiências de sucesso que acabam por facilitar avaliações positivas de uma forma natural.

- 1- Facilitar experiências que promovam as competências do jovem (por exemplo, dar tarefas escolares ao jovem que sabemos que ele conseguirá realizar bem) através das competências adquiridas conduzem-nos a um sentimento de auto-eficácia e contentamento que, por sua vez, aumenta o autoconceito (global).

- 2- Modelar e reforçar os comportamentos através de aproximações sucessivas, valorizando mais o esforço/empenho.
- 3- Adotar expectativas realistas e salientar os atributos positivos em vez dos negativos.

O jovem à medida do seu desenvolvimento tem que ir construindo o seu autoconceito para consolidar a sua personalidade (Moreira, 2001).

A família é o núcleo fundamental, da sociedade. O processo de construção da autonomia do jovem é influenciado por uma série de factores do contexto em que ele vive, tais como a dinâmica familiar, as práticas educativas dos pais e a relação que eles mantêm com os filhos, e os grupos de pares. É de salientar que a influência da dinâmica familiar e a relação afectiva estabelecida com as figuras dos progenitores constrói a unidade, a estabilidade do «eu» e o contacto vital com o universo exterior, é importante na formação do autoconceito dos jovens, uma vez que a família como um todo tem que se reorganizar para permitir o estabelecimento de relações mais igualitárias entre os jovens e progenitores, o que se torna difícil se o sistema for demasiado fechado ou rígido, ou demasiado desligado, ou se houver dificuldades de comunicação, a confiança nos pais, em si própria e no futuro. O jovem tem a noção de nada possuir que lhe sirva de apoio ao esforço que está a empreender em relação ao mundo exterior. Não possui nem um refúgio, nem um ponto de apoio, nem tão pouco uma coisa que o prenda (Dias & Fontaine, 2001). O autoconceito é superior nos jovens que percebem os pais como apoiantes e modelos a seguir (Fontaine, Campos & Musitu, 1992, citado por Dias & Fontaine, 2001)

Smollar-Volpe (1981) de acordo com (Dias & Fontaine, 2001) defende que as relações interpessoais são desenvolvidas pelos sujeitos através da reflexão de cada um sobre as interações entre sujeito e sujeito. O conhecimento do " *self*" e do "outro" depende, pois da relação que se estabelece entre eles.

Smollar-Volpe citado por Dias e Fontaine (2001) encontrou apoio empírico para estas concepções pela realização de um estudo do autoconceito de pré-adolescentes e jovens com idades compreendidas entre os 10 e 24 anos, no contexto das relações com pai, mãe e amigos, tendo estudado diferentes dimensões do autoconceito *na relação com um outro*. Assim sendo, os autores arrematam que

o autoconceito no contexto dos amigos é determinado por um princípio de aceitação mútua, o que não ocorre no contexto dos progenitores, mesmo na faixa etária dos jovens adultos de 20-24 anos. Isto é, no contexto dos progenitores, os adolescentes manifestam um autoconceito mais reactivo, porque a descrição do *self* neste contexto é percebida como resultado dos sentimentos e comportamentos dos pais, actuais ou esperados. Os jovens adultos percebem-se como menos reactivos nas relações com os progenitores do que com relação aos adolescentes. No entanto, não atribuem à sua concepção do *self* nas relações progenitor/jovem um sentido de aceitação mútua.

Um estudo realizado por Smollar e Younise (1989) de acordo com Dias e Fontaine (2001) concluíram que as percepções dos adolescentes das suas relações com os progenitores, apesar de evoluírem com a idade no sentido de uma maior igualdade, não tinham ainda, entre as idades de 17 e 23 anos, uma relação de igual para igual. O autoconceito é deste modo susceptível de desenvolvimento, mas que este desenvolvimento varia de acordo com o contexto relacional (pai, mãe, amigos). Esta perspectiva desenvolvimentista realça, por isso, o processo de construção social inerente ao desenvolvimento.

Alguns autores, defensores do enfoque psicanalítico, dão especial importância ao papel da mãe na altura de estabelecer na criança os sentimentos de sentir-se aceite ou rejeitada. Os autores fenomenológicos enfatizam a importância da primeira fonte e, sobretudo, na percepção que tem o sujeito do comportamento dos pais na formação da auto-estima. Segundo as tendências actuais, marcadamente de cariz cognitivista é reconhecida a importância dos pais na formação do autoconceito.

A dimensão moral do autoconceito forma-se de um modo completamente determinado pelas figuras parentais. Epstein (1973) expressa-o claramente quando afirma que para se inserir na sociedade, a criança é obrigada a considerar o desejo dos outros. Os pais, como portadores de cultura, têm a tarefa de redefinir o bem do mal, de maneira que a criança sentirá que é bom quando seu comportamento combina com os costumes socialmente aceites e que é mau quando assim não acontece. Seja consciente ou inconsciente, directa ou indirectamente, os pais tendem a retirar o seu afecto ou benefício contingente ao comportamento que reprovam e a conceder depois da conduta que lhes parece aceitável. Não há-de

passar muito tempo para que a criança aceite a mensagem de que “bom” indica o que os pais aprovam e “mau” o que os pais reprovam. Porém, o “bom” encontra-se ligado a um sentimento de ser querido e o “mau” a um sentimento de ser não digno de amor.

Também os comportamentalistas realçam a determinação do comportamento dos pais na formação do autoconceito, explicando que este se vai formando, por um lado condicionado pelos esforços e castigos que o comportamento da criança vai recebendo e, por outro lado, condicionado pelos esforços e castigos que o comportamento da criança vai recebendo e, por outro lado, pela observação de modelos (Bandura, 1978).

Depois de formar as suas primeiras valorizações e juízos de si mesmo pela intervenção dos seus pais, começa a considerar progressivamente a opinião dos que o rodeiam em diferentes situações: sejam colegas, professores ou a sociedade em geral representada por alguém significativo para o sujeito.

Em síntese, os autores consideram que a estrutura e natureza do autoconceito não pode ser claramente entendida sem ter em consideração os vários tipos de relações em que os indivíduos estão envolvidos. Isto é, o desenvolvimento não é o resultado de um processo individual auto-iniciado, no qual os “outros” são o contexto, mas sim o resultado de um processo de construção conjunta (com a participação do outro), que inclui como agentes o adolescente e as outras pessoas numa troca interactiva. Logo, trata-se de um processo de construção social (Youniss, 1983; Youniss & Smollar, 1990 citado por Dias & Fontaine, 2001).

Em particular durante o desenvolvimento, observa-se que os adolescentes e os jovens adultos manifestam um autoconceito mais diferenciado do que os adolescentes, mas que esta diferença depende do modelo de relações em que estão envolvidos (Dias & Fontaine, 2001).

Assim, depois de tudo o que foi exposto na análise do autoconceito nos seus mais variados aspectos, importa salientar que esta problemática fundamenta-se na necessidade de promover a formação e o desenvolvimento de um autoconceito

positivo, em particular nos adolescentes e jovens adultos, considerando serem essas as faixas etárias que maior propulsão pode oferecer ao desenvolvimento de Angola, pois como assinala Tavares (2008, p.145) na seguinte afirmação: a juventude “corresponde ao tempo de maior energia e envolvimento”.

O estado angolano, na qualidade de um país que está agora a emergir, carece de indivíduos com um autoconceito positivo firmado que possam naturalmente contribuir no processo de reconstrução nacional ora vigente. Para que o referido processo seja efectivamente uma realidade, há necessidade de investigação desta temática considerando haver poucos estudos realizados no país acerca do autoconceito.

É nesta perspectiva que se justifica a elaboração deste trabalho. Assim sendo, nos capítulos que se seguem (II a IV), far-se-á a descrição da metodologia utilizada no estudo e a análise dos resultados obtidos pela aplicação dos instrumentos de pesquisa durante o trabalho de campo.

CAPÍTULO II - MÉTODO

2.1. Objectivos e hipóteses

Para este estudo e tendo como referência o quadro teórico elaborado, foram preconizados os seguintes objectivos e hipóteses.

2.1.1.Objectivos

O *objectivo geral* deste estudo foi o de avaliar os níveis de autoconceito dos jovens do ensino secundário.

Os *objectivos específicos* foram:

- 1-Identificar os níveis de autoconceito feminino e masculino na presente amostra.
- 2-Verificar se existem diferenças significativas entre os níveis de autoconceito masculino e feminino
- 3- Analisar a variabilidade do autoconceito em função da idade.

2.1.2.Hipóteses

H1-Os jovens do género masculino têm níveis de autoconceito mais elevados que os jovens do género feminino.

H2- A evolução do autoconceito aumenta com a idade.

H3- O auto-conceito dos jovens adultos é superior ao dos adolescentes.

2.2. Desenho e método

O desenho do estudo, é transversal e descritivo. O estudo baseia-se em análises quantitativas de algumas variáveis, tendo-se para tal recorrido à análise estatística, com utilização do SPSS, versão 16.

2.3. Participantes

A amostra foi constituída por 200 jovens de ambos os sexos, com idades entre os 18 e 24 anos, de quatro estabelecimentos do ensino secundário do município de Benguela, a frequentarem a: 10^a. 11^a, 12^a e 13^a classes, dos quais 123 (61,5%) do sexo feminino e 77 (38,5%) do sexo masculino.

2.4. Instrumentos de recolha de dados

O autoconceito foi avaliado recorrendo ao inventário clínico de autoconceito (ICAC) de Vaz Serra (1986) que foi utilizado com o objectivo de estudar o autoconceito dos jovens do ensino secundário. É uma escala de auto-avaliação, composta por 20 itens com cinco possibilidades de resposta que variam de «não concordo» a «concordo muitíssimo». Foi desenvolvida com o objectivo de medir os aspectos emocionais e sociais do autoconceito, designada para especial aplicação à clínica.

Cada questão pode ser classificada numa escala de tipo Likert de 1 a 5 valores, que está elaborada para que, quanto mais alta a pontuação obtida, melhor seja o autoconceito do indivíduo.

Como a maioria das escalas utilizadas para medir o autoconceito, o ICAC constitui um instrumento com as seguintes propriedades: é um inventário padronizado, porque os procedimentos usados na avaliação do autoconceito são extensivos a todos os indivíduos e em quaisquer situações; é objectivo, porque os resultados obtidos dependem directamente da pessoa a ser avaliada e não de outrem; é quantificado, porque submete-se às normas ou princípios que atribuem valores quantitativos diversos na análise de cada atributo; é fidedigno, porque mede com consistência um determinado comportamento e corresponde a um instrumento válido porque se identifica por quatro medidas de validade, isto é: validade de

constructo, validade concorrente, validade predictiva e validade de conteúdo (Vaz Serra, 1986).

De acordo com Vaz Serra (1986), o inventário do autoconceito é composto por quatro diferentes factores, conforme se descreve a seguir:

O factor 1 permite-nos ter em conta a aceitação ou o agrado social, por isso denominado de factor de aceitação/rejeição social.

O factor 2 salienta questões que se prendem com o enfrentar ou resolver problemas e dificuldades, por isso denominado de factor de auto-eficácia.

O factor 3 constitui um factor de maturidade psicológica.

O factor 4 de difícil caracterização, denomina-se de factor de impulsividade/actividade.

2.5. Procedimentos

O preenchimento dos questionários pelos alunos foi supervisionado pelos professores das turmas a que os alunos pertenciam. Esta tarefa ocorreu durante as horas regulares das aulas, com transmissão oral das instruções e com garantia de confidencialidade. Tendo os alunos colaborado com base no voluntariado e dispondo de todo o tempo necessário para o devido preenchimento dos questionários. Em suma, os questionários foram aplicados em situação de ambiente natural (sala de aula), por um professor, durante o respectivo tempo de aula. Com vista à administração dos respectivos questionários aos alunos, foi solicitada autorização, aos conselhos directivos das escolas envolvidas. Uma vez recolhidos os questionários, procedeu-se ao tratamento estatístico dos resultados, que seguidamente se apresentam.

CAPÍTULO III- RESULTADOS

Neste capítulo são apresentados e analisados os resultados da investigação.

3.1. Caracterização sócio demográfica da amostra

Como se observa na Tabela 1, a idade dos jovens do ensino secundário varia de 18 a 24 anos e tem uma média de 19.64 anos de idade.

Tabela 1. Dados sócio-demográficos

Variáveis	N	%	média	DP
Idade			19.64	1.53
18	54	27.00		
19	59	29.50		
20	34	17.00		
21	30	15.00		
22	10	5.00		
23	8	4.00		
24	5	2.50		
Sexo				
Feminino	123			
Masculino	77			
Escola que frequenta				
Escola de formação de professores	50	25.00		
Instituto médio industrial	50	25.00		
Magistério primário	50	25.00		
Instituto médio de saúde	50	25.00		
Classe				
10	50	25.00		
11	50	25.00		
12	50	25.00		
13	50	25.00		
Estado civil				
Solteiro	199	99.50		
Casado	1	0.50		
Profissão				
Funcionário público	8	4.00		
Estudante	192	96.00		
Tem filhos?				
Sim	26	13.00		
Não	174	87.00		
Faixa etária				
Adolescentes 15 a 19 anos	113	56.50		
Adulto jovens dos 20 a 29 anos	87	43.50		

Quanto ao sexo, verifica-se que existem 123 jovens do sexo feminino correspondentes a 70.59% e 77 do sexo masculino correspondentes a 69.39%. A maioria dos jovens é do sexo feminino. Pode também observar-se que 25.00% da amostra frequenta a escola de formação de professores, 25.00% o instituto médio industrial; 25.00% o magistério primário e 25.00% o instituto médio de saúde. Desta amostra, 25.00% dos alunos estão na 10ª classe, 25.00%, na 11ª classe, 25.00% na 12ª classe e 25.00% na 13ª classe. A maior parte da amostra é solteira (99.50%), e estudante (96.00%), e situa-se entre os 15 e 19 anos, sendo adolescentes.

3.2. Variação do nível de autoconceito em função das variáveis idade e sexo

Analisando a Tabela 2, que faz a distribuição da variação média do nível de autoconceito em função da idade e sexo, pode-se verificar que na generalidade o autoconceito é maior no sexo feminino (M=70.59) em relação ao masculino (M=69.39). Porém, especificamente observa-se que na faixa dos 15 e 19 anos o autoconceito é também mais elevado no sexo feminino (M=70.62) ao contrário do que se verifica na faixa dos 20 e 29 anos de idade, cuja média do autoconceito masculino é maior (M=70.77).

Tabela 2. Média do autoconceito em função do sexo e idade

Faixa etária	Sexo Masculino		Sexo Feminino	
	N	Média AC	N	Média AC
15-19 anos	4	68.24	71	70.62
	2			
20-29 anos	3	70.77	52	70.56
	5			
Total	7	69.39	12	70.59
	7		3	

A análise dos dados da Tabela 2 permite-nos perceber que, em média, o aumento da idade é directamente proporcional ao aumento do autoconceito no sexo masculino e inversamente proporcional no sexo feminino.

A Tabela 2 indica que em média, em relação as idades, o auto-conceito dos adolescentes (M=69.73) é menor que o dos jovens adultos (M=70.64). Esta

diferença não é significativa. Importa realçar que foram considerados adolescentes os participantes cuja idade era igual ou inferior a 19 anos, enquanto a partir dos 20 anos os participantes foram considerados como jovens adultos.

3.3. Comparação de médias do autoconceito

A Tabela 3 faz referência à comparação de médias do nível do autoconceito da presente amostra em função da idade, sexo, profissão e estado civil e em relação ao factor 1, factor 2, factor 3 e factor 4. Estas diferenças foram testadas através do teste t.

Como se pode analisar na referida tabela, em média, quanto ao factor 1, o nível de autoconceito feminino (M=17.59) é maior quando comparado com o nível de autoconceito masculino (M=16.47). Esta diferença é estatisticamente significativa, $t(2.160)=198$, $p=0.032$.

Tabela 3. Comparação de médias de autoconceito

Variáveis	N	Média AC	t	gl	p
Idade					
Adolescentes (15-19 anos)	113	69.73	-0.725	198	ns
Jovem adulto (20-29 anos)	87	70.64			
Factor 1 por idade					
Adolescentes (15 a 19) anos	113	17.25	0.541	198	ns
Adultos jovens(20 a 29) anos	87	16.99			
Factor 2 por idade					
Adolescentes 15 a 19 anos	113	20.96	-1.896	198	ns
Adultos jovens (20 a 29 anos)	87	21.98			
Factor 3 por idade					
Adolescente 15 a 19 anos	113	12.35	-0.110	198	ns
Adultos jovens 20 a 29 anos	87	12.39			
Factor 4 por idade					
Adolescente 15 a 19 anos	113	11.38	0.462	198	ns
Adultos jovens 20 a 29	87	11.24			
Sexo					
Feminino	123	70.59	0.943	198	ns
Masculino	77	69.39			
Factor 1 por sexo					
Feminino	123	17.59	2.160	198	0.032
Masculino	77	16.47			
Factor 2 por sexo					
Feminino	123	21.50	0.450	198	ns
Masculino	77	21.25			
Factor 3 por sexo					
Feminino	123	12.36	-0.045	198	Ns
Masculino	77	12.38			
Factor 4 por sexo					
Feminino	123	11.30	-0.162	198	ns
Masculino	77	11.35			

CAPÍTULO III-DISCUSSÃO

Nesta secção faz-se a interpretação dos resultados, i.e., apontam-se os significados que têm os resultados obtidos e em simultâneo são comparados com a literatura revisada.

O estudo sobre o autoconceito reveste-se de grande importância uma vez que, se a ideia que o indivíduo tem sobre si for positiva, pode influenciar positivamente na sua conduta e determinar o sucesso ou não da sua actuação.

O presente estudo foi desenvolvido num universo de 200 alunos com idade média 19,64 anos. A maioria da amostra pertence ao sexo feminino com 70,59%.

Os índices de autoconceito na presente amostra sugerem que em função do aumento da idade verifica-se proporcionalmente um ligeiro aumento nos indivíduos do sexo masculino e uma diminuição nos indivíduos do sexo feminino. Entretanto, de acordo com Faria e Azevedo (2004), concluiu-se que o sexo enquanto categoria, no que se refere aos níveis de autoconceito, proporciona aos indivíduos oportunidades, vivências e modelos diferentes.

Isto significa que em contextos culturais por exemplo, onde as sociedades sejam aparentemente machistas pode haver uma tendência de os indivíduos do sexo masculino terem um sentimento de liberdade relativamente maior do que as mulheres, sendo estas muitas vezes pressionadas a terem um sentimento de maior inibição em relação ao que podem ou não manifestar comparativamente aos homens. O que faz com que possa haver mais homens do que mulheres com valor elevado. Daí que com o aumento da idade possa haver uma relativa estagnação do crescimento do autoconceito feminino. Pois, as questões fisiológicas e da maternidade e as conseqüentes alterações físicas e hormonais às quais a mulher está mais exposta podem, algumas vezes, também influenciar negativamente no aumento da sua auto-estima. Há uma tendência de os indivíduos do sexo masculino sentirem-se mais motivados a encarar as dificuldades da vida como um desafio estimulante e como garantia da sua masculinidade. Além disso a literatura refere que estudos desenvolvidos com o *Self Description Questionnaire III* descrevem uma alta auto-estima global a autopercepções dos estudantes como pessoas eficientes,

capazes, com elevada autoconfiança e sentimentos de auto-respeito, orgulho pessoal e satisfação com o que são, enquanto que a auto-estima nas raparigas diminuía com a idade (Dias & Fontaine, 2001).

Faria e Santos (2006) não observaram quaisquer diferenças significativas do nível de autoconceito entre os sexos. Em nosso estudo a variável sexo apresentou diferença estatisticamente significativa do nível de autoconceito pelas diferenças culturais existente nos diferentes países.

A maior parte desses estudantes que corresponde a amostra do estudo encontra-se no estado civil solteiro (99.50%) que se justifica por serem adolescentes entre 15-19 anos de idade (96.00%). Por conseguinte, análise dos dados apresentados evidencia que na generalidade, o autoconceito da amostra no presente estudo é maior no sexo feminino, o que confirma a hipótese nº 1. A hipótese 2 é verdadeira para o sexo masculino em particular, cujo aumento da idade parece proporcional à evolução do autoconceito.

De acordo com Carapeta et al. (2001), os níveis de autoconceito considerados normais variam de 20-100. Com base neste postulado, e considerando que os níveis de autoconceito da amostra no presente estudo variam de 48-91, pode dizer-se que os jovens do ensino secundário apresentam bons indicadores de autoconceito.

CAPÍTULO IV– CONCLUSÃO E CONSIDERAÇÕES FINAIS

A importância do autoconceito tem se tornado progressivamente acentuada na área de psicologia, particularmente a sua relação com a educação, sociedade e saúde (Veiga, 1989). Daí a necessidade de o presente estudo abordar o autoconceito dos estudantes.

Este estudo teve como objectivo principal avaliar os níveis do autoconceito na referida amostra. Podemos verificar que os jovens do ensino secundário demonstraram ter níveis de autoconceito considerados positivos.

Podemos ainda verificar que existem diferenças significativas no autoconceito apenas em relação do sexo. Verificou-se também que o nível de autoconceito masculino aumenta consoante o aumento da idade e que este é maior nos jovens adultos em relação aos adolescentes.

Como se pôde analisar ao longo deste estudo, a noção que cada um tem sobre si representa um factor importante que pode eventualmente concorrer para a boa ou má performance de cada indivíduo, daí ser importante a realização de mais estudos nessa vertente com o fim de fazer um diagnóstico com relação ao autoconceito dos indivíduos e fomentar políticas viáveis e pertinentes para que os jovens (e não só) possam ser capazes de manter ou desenvolver um autoconceito positivo.

Foi importante, constatar, através da realização deste estudo, que a variação do autoconceito nos jovens angolanos, não difere muito da variação encontrada por outros estudos a nível mundial. É fundamental que estes estudos sejam feitos amiúde e que seja possível ir recolhendo dados empíricos sobre a realidade Angola em diferentes domínios da psicologia, uma vez que neste país é ainda uma realidade por explorar.

A pesquisa deste tema, no contexto Angolano, se reveste de grande importância, considerando que o ensino secundário, enquanto ciclo de estudos terminal, prepara o aluno para o ingresso no mercado de trabalho e ou no ensino superior, podendo constituir-se num importante acontecimento de vida. Será importante que em

investigações futuras se incluam mais variáveis de análise, para perceber de forma mais completa esta temática.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Abrunhosa, M. A. & Leitão, M. (1998). *Psicologia 12º ano*. Porto: Areal Editores.
- Albuquerque, C. M. S. & Oliveira, C. P. F. (2002). Características psicológicas associadas à saúde: a importância do autoconceito. *Millenium*, 26.
- Camarano, A. A., Mello, J. L., Pasinato, M. T. & Kanso, S. (2004). Caminhos para a vida adulta: as múltiplas trajetórias dos jovens brasileiros. *Última década*, 21, 11-50.
- Carapeta, C., Ramires, A. C. & Viana, M. F. (2001). Auto-conceito e participação desportiva. *Análise Psicológica*, 1(XIX), 51-58.
- Cia, F, Barham, J. E. (2008). Estabelecendo relação entre autoconceito e desempenho académico de crianças escolares. *Psicologia*, 39(1), pp. 21-27.
- Davidoff, L. L. (2001). *Introdução à Psicologia*. Makron Books. Brasil.
- Faria, L. & Azevedo, A. S. (2004). Manifestações diferenciais do autoconceito no fim do ensino secundário português. *Paidéia*, 14(29), 265-276.
- Faria, L. & Santos, N. L. (2006). Auto-conceito académico social e global em estudantes universitários. *Colecções FCHS*, 4, 225-235.
- Fontaine, A. M. & Dias, M.G. F. F. (2001). *Tarefas desenvolvimentais e bem-estar de jovens universitários*.
- Franco, M. G. S. E. C. (2007). *A gestão das emoções na sala de aula*. Fundação Calouste Gulbenkian. Lisboa
- Griffa, M. C. & Moreno, J. E. (2001). *Chaves para a Psicologia do Desenvolvimento: adolescência, vida adulta, velhice* (trad. V. Vaccari). Paulinas. São Paulo.
- Markus, H. & Wurf, E. (1987). The dynamic self-concept. *Ann. Rev. Psychol.*, 38, 299-337.
- Mendonça, P. V. C. F. & Fleith, D. S. (2005). Relação entre criatividade inteligência e autoconceito em alunos monolíngues e bilingues. *Psicologia Escolar e Educacional*, 9(1), 59-70.

Miranda, B. J. A. C. (2005). *Dificuldades de aprendizagem*. Dissertação de mestrado em Educação Especial, especialidade de Dificuldades de Aprendizagem. Lisboa.

Moreira, P. (2001). *Ser professor*. Lisboa.

Simões, L. & Faria, L. (2001). Características motivacionais e opções curriculares no Ensino Básico: Educação tecnológica vs. 2ª língua estrangeira. *Análise psicológica*, 3(XIX), 417-433.

Tavares, D. S. D. A. (2008). *O superior ofício de ser aluno: manual de sobrevivência do caloiro*. Edições Sílabo. Lisboa.

Vaz Serra, A. (1986). O "Inventário Clínico de Auto-Conceito". *Psiquiatria Clínica*, 7(2), 67-84.

Veiga, A. (1997). *A educação hoje*. Perpétuo socorro. Lisboa.

ANEXOS

Anexo 1. Pedido de autorização para a realização da investigação



PEDIDO DE AUTORIZAÇÃO PARA REALIZAÇÃO DE INVESTIGAÇÃO

Benguela, 15 de Março de 2011

Vimos por este meio solicitar a colaboração da vossa instituição para a realização da componente prática do mestrado em Psicologia Clínica e da Saúde, promovido pela CESPU sob a orientação da docente Mestre Florbela Teixeira.

O trabalho visa avaliar o **Estudo do Auto-Conceito dos Jovens do Ensino Secundário**. Para tal, solicitamos autorização para que se possa aplicar questionários aos jovens que voluntariamente concordem em participar no estudo.

Certa de que considerará o nosso pedido com a maior consideração, subscrevemo-nos agradecendo desde já a atenção disponibilizada.

Com os melhores cumprimentos,

CESPU - Formação Angola S.A

(Márcia Martins de Moura Dra.)

Anexo 2. Termo de consentimento informado

TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO

Eu, _____ abaixo assinado depois de ter sido completamente informado(a) sobre os objectivos e procedimentos do estudo “sobre o auto-conceito” que está a ser desenvolvido no âmbito do Mestrado em Psicologia Clínica e da Saúde, declaro que voluntariamente concordo em colaborar nesse estudo, sendo garantida a confidencialidade dos meus dados.

Benguela, __ de _____ de 2011

Anexo 3. Questionário de caracterização sócio-demográfica

Questionário de caracterização sócio-demográfica

Código do sujeito _____ Data __/__/__

Preencha por favor, os seguintes dados, relativamente a si mesmo:

1. Data de nascimento __/__/__
2. Idade _____
3. Sexo: Feminino Masculino
4. Escola que frequenta _____
5. Classe que frequenta _____
6. Residência _____
7. Estado civil _____
8. Profissão _____
9. Tem filhos: sim não

Anexo 4. Inventário Clínico de Auto-conceito de Vaz Serra

Código do sujeito _____ Data ___/___/___

Todas as pessoas têm uma ideia de como são. A seguir estão expostos diversos atributos, capazes de descrever como uma pessoa é. Leia cuidadosamente cada questão e responda verdadeira, espontânea e rapidamente a cada uma delas. Ao dar a resposta considere, sobretudo a *sua maneira de ser habitual*, e não o seu estado de espírito de momento. Coloque uma cruz (X) no quadrado que pensa que se lhe aplica de forma mais característica.

	Não Concordo	Concordo Pouco	Concordo Moderadamente	Concordo Muito	Concordo muitíssimo
1. Sei que sou uma pessoa simpática	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
2. Costumo ser franco a exprimir as minhas opiniões	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
3. Tenho por hábito desistir das minhas tarefas quando encontro dificuldades	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
4. No contacto com os outros costumo ser um indivíduo falador	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
5. Costumo ser rápido na execução das tarefas que tenho para fazer	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
6. Considero-me tolerante para com as outras pessoas	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
7. Sou capaz de assumir uma responsabilidade até ao fim, mesmo que isso me traga consequências desagradáveis	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
8. De modo geral tenho por hábito enfrentar e resolver os meus problemas	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
9. Sou uma pessoa usualmente bem aceite pelos outros	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
10. Quando tenho uma ideia que me parece válida gosto de a pôr em prática	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
11. Tenho por hábito ser persistente na resolução das minhas dificuldades	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
12. Não sei porquê a maioria das pessoas embirra comigo	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
13. Quando me interrogam sobre questões importantes conto sempre a verdade	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
14. Considero-me competente naquilo que faço	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
15. Sou uma pessoa que gosta muito de fazer o que lhe apetece	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
16. A minha maneira de ser leva a sentir-me na vida com um razoável bem-estar	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
17. Considero-me uma pessoa agradável no contacto com os outros	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
18. Quando tenho um problema que me aflige não o consigo resolver sem o auxílio dos outros	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
19. Gosto sempre de me sair bem nas coisas que faço	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
20. Encontro sempre energia para vencer as minhas dificuldades	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>